

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2018

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D449 Desdobramentos da educação física escolar e esportiva [recurso eletrônico] / Organizador Adalberto Ferreira Junior. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-58-1
DOI 10.22533/at.ed.581181510

1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I. Ferreira Junior, Adalberto.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os professores da Educação Física Escolar adquirem conhecimento por meio de um conjunto de disciplinas. Este conhecimento é utilizado principalmente para a formação do cidadão, e para inserir, adaptar e incorporar o aluno a prática corporal. Sendo assim, é necessário conhecer as ciências humanas, ciências sociais, ciências biológicas, psicologia, educação, lazer/recreação, ginástica, entre outras disciplinas.

A obra “O desdobramento da Educação Física Escolar” é um e-book composto por 11 artigos científicos, dividido em duas partes. A primeira intitulada “Aspectos das ciências sociais, educação e psicologia relacionados à Educação Física” apresenta reflexões sobre diversas temáticas como aspectos históricos, processo ensino-aprendizagem, psicomotricidade, imagem corporal, entre outras. A segunda parte intitula-se “A Educação física visando a qualidade de vida e a saúde” e apresenta reflexões com ênfase no exercício físico, qualidade de vida e esporte.

Este e-book reúne autores de todo o Brasil e de várias áreas do conhecimento. Os artigos abordam assuntos de extrema importância na Educação Física construindo assim um referencial sólido e diversificado, visando disseminar o conhecimento e promover reflexões sobre os temas investigados.

Por fim, desejo a todos uma excelente leitura

Adalberto Ferreira Junior

SUMÁRIO

EIXO 1: " ASPECTOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA RELACIONADOS À EDUCAÇÃO FÍSICA"

CAPÍTULO 1 1

A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Renan Felipe Correia

Alex Natalino Ribeiro

João Francisco Barbieri

CAPÍTULO 2 11

A NOÇÃO DE *CRISE* DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

Odilon José Roble

CAPÍTULO 3 23

A SEMIÓTICA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

CAPÍTULO 4 29

CONHECIMENTO CONCEITUAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO INFANTIL: PSICOMOTRICIDADE EM FOCO

Luís Felipe Rodrigues

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Gustavo Lima Isler

Maria Cândida de Oliveira Costa

CAPÍTULO 5 46

IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS COM ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PROPOSTA PARA APLIAR A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Luís Felipe Rodrigues

Gustavo Lima Isler

Denis Juliano Gaspar

CAPÍTULO 6 58

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA

Fabiano Dias

Greice Kelly de Oliveira

Elisabete dos Santos Freire

Simone Tolaine Massetto

CAPÍTULO 7	78
A AUTOIMAGEM CORPORAL DA PESSOA AMPUTADA MEDIANTE O AVANÇO DA TECNOLOGIA	
<i>Astor Reis Simionato</i>	
<i>Marina Teixeira Costa</i>	
<i>Leandro Oliveira da Cruz Siqueira</i>	
<i>Leandro Reginato de Oliveira Galvão</i>	
<i>Aghata Regina de Oliveira Alves Palmeira</i>	
<i>Juliana Lôbo Froio</i>	
<i>Afonso Antônio Machado</i>	
CAPÍTULO 8	88
POR UM TRATAMENTO MAIS FLUIDO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE	
<i>Naiara Perin Darim</i>	
<i>Patrícia da Silva Fucuta</i>	
EIXO 2: "A EDUCAÇÃO FÍSICA VISANDO A QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE"	
CAPÍTULO 9	94
A INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO FÍSICO NA QUALIDADE DE VIDA É DIFERENTE ENTRE HOMENS E MULHERES?	
<i>Adrielly dos Santos</i>	
<i>Wanderson Roberto da Silva</i>	
<i>Juliana Alvares Duarte Bonini Campos</i>	
CAPÍTULO 10	107
CAPACIDADE FUNCIONAL E PERFIL DE HUMOR DE MULHERES SOBREVIVENTES AO CÂNCER DE MAMA	
<i>Fernanda Zane Arthuso</i>	
<i>Carmen Maria Bueno Neme</i>	
<i>Carlos Eduardo Lopes Verardi</i>	
CAPÍTULO 11	122
SLACKLINE NA ESCOLA	
<i>Iago Dezena Tesche Martins</i>	
<i>Josvania Panetto</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	136

A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Renan Felipe Correia

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento
Campinas – São Paulo

Alex Natalino Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento
Campinas – São Paulo

João Francisco Barbieri

Faculdade Max Planck
Indaiatuba – São Paulo

RESUMO: Existe uma demanda pelo passado que não provém unicamente dos historiadores, uma demanda de diversas coletividades sociais de, por assim dizer, compreenderem em maior medida suas origens e mudanças no tempo. Para pesquisadores da Educação Física, isso se torna evidente dado a farta publicação acadêmica na área que propõe discutir essa temática e busca por legitimação como uma área autônoma de produção de conhecimento. Porém, esses esforços por esses acadêmicos em questionar suas formas de representação do passado e tê-las reconhecidas, respeitadas e integradas ao cenário acadêmico nacional, não

vem sem equívocos, como constatado em nosso levantamento empírico. Portanto, o presente trabalho busca contextualizar a pesquisa em História da Educação Física e Esporte em relação à historiografia contemporânea.

ABSTRACT: There is a demand for the past that does not stem only from historians, a demand from various heterogeneous social collectivities for better comprehension of their origins and changes over time. For researches of Physical Education, this is evident given the vast quantity of published academic research that discuss this theme and looks for legitimacy as an autonomous area of knowledge. However, these efforts in questioning their forms of representation in the past and have them recognized, respected, and integrated into the national academic community does not come without equivocations, as is shown in our empirical findings. Therefore, the present work aims to contextualize research in the history of Physical Education and Sport in relation to contemporary historiography.

A Educação Física historicamente vem lutando por espaço e legitimação acadêmica. Como exemplo desses esforços, em 2015 um grupo de pesquisadores de sua

área sociocultural¹ produziu um documento² reivindicando uma nova política de avaliação dos programas de pós-graduação da área³. O documento, encaminhado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), reivindica a autonomia da área frente as demais subáreas da Área 21 da CAPES⁴, dos quais fazem parte também os cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Os mesmos pesquisadores afirmam que brevemente promoverão outra petição pública que convidará novos signatários a participarem dessa campanha. Todo esse debate se dá em um período que muitos acadêmicos clamam por um maior rigor de qualidade nas pesquisas qualitativas da própria área da Educação Física.⁵

Em específico ao nível disciplinar, acadêmicos da área de Educação Física têm reconhecidamente trabalhado para grandes contribuições à área de pesquisa histórica. Tal fato pode ser facilmente observado ao olharmos para o grande aporte científico presente nos principais periódicos do país, principalmente em temas relacionados à História da ciência, História da medicina, História do esporte e das práticas corporais de um modo geral, mostrando que ao se realizar pesquisas de cunho histórico, é possível realizar-se bons trabalhos sem o intermédio direto de historiadores. Isto é, com metodologias de trabalho específicas, os pesquisadores da área de Educação Física foram capazes de contribuir para a pesquisa historiográfica brasileira.

Existe uma demanda pelo passado que não provém unicamente dos historiadores, uma demanda de diversas coletividades sociais de, por assim dizer, compreenderem em maior medida suas origens e mudanças no tempo. Para a Educação Física isso se torna evidente dado a farta publicação acadêmica na área que propõe discutir essa temática e busca por legitimação como uma área autônoma de produção de conhecimento. Pois, de acordo com Pierre Nora (1993, p. 17):

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens.

No entanto, os esforços acadêmicos da área de Educação Física para questionar

1. Os autores partem de pressuposto, do qual compartilhamos, qual seja, que é possível identificar pelo menos três subáreas no âmbito da Educação Física: a biodinâmica, a sociocultural e a pedagógica. A primeira se orienta epistemologicamente nas ciências naturais, e as duas outras nas ciências sociais e humanas.
2. O documento “Cenários de um Descompasso da Pós-Graduação em Educação Física e Demandas Encaminhadas à Capes” pode ser acessado no site do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, no seguinte endereço: <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1074>
3. O documento expressa preocupações e proposições para o rumo dos cursos de pós-graduação em Educação Física, mais especificamente aos problemas vivenciados pelos programas das áreas sociocultural e pedagógica.
4. A CAPES define as áreas de conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos e métodos de pesquisa.
5. Para uma visão geral desse cenário, consultar DAOLIO, J. A Produção Acadêmica em Educação Física: A CAPES como um “Não–Lugar”. Pensar a Prática, v. 18, n. 2, 2015.

suas formas de representação do passado e tê-las reconhecidas, respeitadas e integradas ao cenário acadêmico nacional, não vem sem equívoco. Acerca disso, nossos comentários, que no presente trabalho serão separados em quatro partes, serão referentes à produção histórica recente na área da Educação Física; ao ferramental do historiador; o seu método de produção de conhecimento e seu dever social e suas relações com o conhecimento histórico produzido em Educação Física. Para isso, um breve panorama desse *topos* historiográfico torna-se necessário a fim de justificar a História como capaz de ajudar a solucionar as demandas que provém dessa coletividade, isto é, da área de Educação Física.

No Brasil, o conhecimento histórico dialoga com as propostas curriculares dos cursos de Educação Física desde 1930, fortemente influenciados, então, por instituições médicas e militares. Evidentemente, seria um equívoco afirmar que os desdobramentos de apropriação desse conhecimento se deram de maneira linear e em todo o território nacional. No entanto, é seguro afirmar que a produção acadêmica em História da Educação Física apresenta algumas características que nos permitem reconhecer diferentes períodos homogêneos no que se refere as publicações científicas.

Podemos dizer que, nas décadas de 1930 e 1940, a apropriação do conhecimento histórico por acadêmicos da Educação Física estava pautada na investigação acerca de grandes personalidades esportivas, eventos e instituições que obedeciam a periodização da política nacional a partir de uma utilização limitada de fontes e com a preocupação essencial com o estudo da memória esportiva nacional através do levantamento de datas, nomes, fatos, etc.⁶ Tratava-se de uma História factual e descritiva marcada por levantamentos que priorizavam a localização de heróis e eventos, e certamente secundarizava, ou se quer se dava conta, da análise e interpretação das atividades corporais e esportivas dos brasileiros.

Já nas décadas de 1950-1980, com a consolidação da mídia esportiva através da radiodifusão e o início de transmissões esportivas televisionadas, se torna importante, no Brasil, a participação de cronistas esportivos, torcedores e aficionados como autores de uma escrita da História da Educação Física. Tal atividade ou trabalho, se diferenciava dos demais modos de se escrever uma História da Educação Física, pois, até então, se priorizava uma intrincada busca e uso de fontes primárias que ainda se caracterizava pela narrativa episódica de memorização e descrição de fatos, dados e nomes esportivos na longa duração sem uma posterior interpretação do material interrogado.⁷

Já na década de 1980, quando comparada aos dois períodos anteriores, percebe-se um movimento de “renovação” historiográfica na Educação Física brasileira.⁸ Nota-se

6. Corresponde a esse período, ocorre a criação de importantes órgãos públicos relacionados a Educação Física. Trazemos como exemplos a criação da Escola de Educação Física do Exército (1933), da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939) e do Conselho Nacional dos Desportos, em 1941.

7. Para um maior aprofundamento no tema, recomendamos a leitura da obra de Inezil Penna Marinho (1915-1987), indiscutivelmente, o maior estudioso da Educação Física durante esse período.

8. Para um maior aprofundamento no tema, recomendamos a leitura do texto Renovação Historiográfica

que a História episódica da Educação Física já não mais predomina, começam a surgir outros tipos de análises contextualizadas, críticas e politizadas devido principalmente ao momento político do país e todos os seus consequentes desdobramentos culturais, sociais, políticos e econômicos. Esse período é rico e marcado por fértil produção acadêmica que é influenciada, em sua grande maioria, por historiadores marxistas e historiadores com aportes teóricos oriundos da Escola dos *Annales*. Nota-se, nesse período, que os pesquisadores, quando comparado com os períodos anteriores, têm maior cuidado ao realizar a análise e propor interpretações que com base nas mais diversas fontes, se restringem a contextos específicos.

Evidenciamos que o breve panorama aqui apresentado, como uma de suas principais características, traz uma indefinição e indiferença quanto aos caracteres identitários e epistemológicos da Educação Física e seus objetos de estudos. A seguir pretendemos identificar alguns caminhos que podem ser destacados nos novos desdobramentos historiográficos trilhados por uma historiografia da Educação Física. E com isso, acreditamos poder oferecer soluções para uma dada crise de identidade/epistemológica e sugerir, a esse novo movimento historiográfico da área, sugestões para sua atividade Histórica.

PRODUÇÃO HISTÓRICA RECENTE NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir dos anos 1980, é possível perceber um movimento que podemos afirmar ser de “renovação” historiográfica na Educação Física brasileira: que sai de uma História episódica para, enfim, ser capaz de propor interpretações e realizar análises contextualizadas, críticas e politizadas, que dialogavam com questões mais amplas. Um período marcado por fértil produção acadêmica, é influenciado, em sua grande maioria, por historiadores estrangeiros.

Para analisar a extensão dessa influência, procuramos descrever as principais fontes de referência acadêmica presentes no arcabouço teórico dos trabalhos publicados no “GTT Memórias da Educação Física e Esporte” nas várias edições do Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (de 2005 a 2013): Dos 162 trabalhos publicados nesse período, verificou-se que 31,5% (51) tratavam especificamente de História do Esporte, sendo que 47% (24) desses trabalhos possuem em seu arcabouço teórico influência da historiografia social e cultural francesa; 25% (12) possuem influência da historiografia oral inglesa; 33% (17) possuem influência de sociólogos de várias nacionalidades. Apesar da nítida influência da historiografia da Escola dos *Annales*, foi possível verificar ainda que tal influencia está concentrada, principalmente, em dois autores: Chartier e LeGoff. Não surgem como referencial teórico as obras de outros autores importantes, tais como Aries e Nora, o que, em nosso entendimento, pode apontar para a falta de um diálogo mais amplo com a historiografia. Por fim, verificamos ainda que o teórico mais citado é o sociólogo Norbert Elias, nos chamando atenção a

na Educação Física brasileira, de Marco Aurélio Taborda de Oliveira (2007)

necessidade de uma maior cautela quanto a aplicação do modelo de análise Elisiano, bem como outros métodos sociológicos, em estudos históricos, devido principalmente a ausência de dimensionamentos teórico-metodológicos.

Apenas para evidenciarmos um exemplo, quanto aos perigos do uso superficial do método Elisiano na historiografia da Educação Física, Góis Jr. et al (2013, p. 782) nos traz uma brilhante análise após extensa pesquisa empírica:

A contribuição de Norbert Elias é utilizada de forma superficial na maioria dos textos produzidos no campo da história da Educação Física [...] Nestes pontos reside nossa crítica, na historiografia da Educação Física que interpreta os dados empíricos à luz do modelo Elisiano de maneira linear, ou seja, verificando a existência do processo civilizador, e desconsiderando suas reações, suas oposições [...] Se observarmos a história na longa duração, o modelo Elisiano contribui para a análise empírica da historiografia da Educação Física, pois as manifestações corporais são sistematizadas, se desenvolveram e influenciaram outras culturas. Verificamos essas evidências na crescente racionalização de suas práticas, nos espaços normatizados, na utilização de aparelhos artificiais, mas esta análise ocorre na longa duração. Quando estudamos o contexto de determinados recortes históricos, nos deparamos com reações ao processo civilizador, que o caracterizam de maneira não-linear, ou seja, pendular [...] Consideramos, portanto, que a historiografia da Educação Física pode e deve estudar este interessante autor, bem como seus seguidores, como Eric Dunning. Contudo, sua utilização deve ser mais criteriosa. Devemos entender que certas ferramentas são mais úteis em contextos específicos do que outras, pois senão, cairemos no risco das teorias totalizantes, que se colocam como solução para qualquer problema de pesquisa. Por conseguinte, transformar-nos-emos em verificadores, que buscarão a qualquer custo qualquer aproximação, por mais superficial que seja, entre teoria e empiria.

QUANTO AO FERRAMENTAL TEÓRICO

A seguir, realizaremos uma discussão acerca de duas ferramentas teóricas que evidenciam possibilidades à produção historiográfica da Educação Física brasileira, uma eminentemente hermenêutica e outra eminentemente heurística. Estabeleceremos, ainda, suas relações com a escrita da História na Educação Física. A primeira destas ferramentas se trata daquela apresentada por Pierre de Nora em sua obra “Lugares de Memória” (1993), já a segunda nos foi apresentada Joseph Hartog em “Regimes de Historicidade” (2013).

Lugares de memória

Assman (2011) define memória como sendo o elemento cultural que permite a um grupo social específico ser capaz de transmitir seus valores de uma geração para a outra. A memória, compreendida enquanto combustível da História, se fixa a partir da relação que esta estabelece com o emocional das pessoas. Assman afirma também que devido a seu caráter parcial, este não permite, caso não haja nenhuma espécie de tratamento, que a memória seja tratada como fonte histórica.

Dado o apontado acima, fica fácil perceber como o esporte, compreendido aqui como elemento cultural plural, pode claramente se configurar como agente

materializador e catalizador de memória. Assman nos leva a perguntar o que acontece quando os mitos, estruturas e sujeitos esportivos “acabam”. A resposta, é claro, é o surgimento da memória esportiva. No entanto, em uma sociedade reconhecida por sua monocultura futebolística, isso se torna perigoso. Pois, ligada a um elemento cultural tão forte quanto o esporte, a memória esportiva pode se transformar naquilo que Assman define como memória coletiva, isto é, a memória que transcende a existência do indivíduo, uma força coletiva e unificadora que por si só dinamiza e dá forma a coletividade. A memória sofre uma saturação a leva, por assim dizer, a uma determinada “hipertrofia” através da mídia, especialmente no formato de imagens e filmes, e essa vira História, ocasionando em processos identitários, de maneira irrefletida.

Nessa perspectiva, Nora (1993) nos auxilia a definir identidade como o processo de apropriação de memória, sendo essa um espólio importante constituída a partir das disputas de poder. O reconhecimento dessa memória, que em suas manifestações há de ser reconhecida como “lugares”, se torna importante para uma área, comunidade, grupo social que carece de identidade. Em decorrência dessa perspectiva, Nora nos propõe uma ferramenta acessível, de fácil uso, que permite ao pesquisador ser capaz de reconhecer e estudar esses lugares de memória.

Para Nora (1993), os lugares de memória, são lugares em todos os sentidos do termo, compreendem desde os objetos materiais e concretos, até os mais abstratos, simbólicos e funcionais, que se dispõem simultaneamente e em graus diversos. Esses aspectos devem coexistir sempre (p. 21-22):

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou.

O reconhecimento de lugares de memórias, a partir da ferramenta proposta por Nora, pode ajudar o acadêmico pesquisador a diferenciar dois conceitos centrais e distintos: “memória” e “História” na Educação Física e, então, ser capaz de questionar aquilo que é preservado pelo governo ou pelo povo, além de ajudar clubes e entidades privadas a preservar sua memória e pensar de maneira crítica seu patrimônio. Para a Educação Física, trata-se de um primeiro passo para o objetivo de historicizar suas origens e sua constituição como campo de conhecimento científico.

Pensamos que a leitura e apropriação dos conceitos provenientes da obra de Nora se dará de maneira descomplicada por acadêmicos da História da Educação Física no Brasil. Apesar de pouco estudado, se trata de um autor pertencente a terceira

geração da Escola dos *Annales*, e, portanto, contemporâneo a dois autores muito estudados pela área, Jacques Le Goff e Philippe Ariès.⁹

Regimes de historicidade

Regimes de historicidade são uma ferramenta heurística que Hartog (2013) nos oferece a fim de sermos capazes de compreender como uma sociedade articula passado, presente e futuro, supondo que essa sociedade distingue esses regimes de tempo.

Hartog nos apresenta com uma leitura bastante didática de como se configurou os principais períodos da escrita histórica, passando pela pré-historicidade, historicidade antiga, moderna e contemporânea, todas dentro das suas especificidades de tratamento do tempo. À Educação Física, gostaríamos de citar a relevância da obra quanto superação da história *magistra-vitae*, marco da historicidade antiga. Com a aceleração do tempo moderno, rompeu-se todo o elo do presente com o passado, não permitindo assim que se mantivesse aquela noção de que o historiador seria capaz de prever o futuro através do estudo do passado. Claro que é impossível dizer que essa superação se deu por completo em nossa sociedade atual, até mesmo entre historiadores. Exemplificando, o “homem comum” de Carl Becker (1931) é incapaz de fazer o que precisa ou deseja sem recordar eventos passados. Trata-se então, de restaurar alguma forma de comunicação entre presente, passado e futuro sem que haja a tirania de qualquer um deles.

Dentro dos regimes historiográficos, destacamos o trabalho de Walter Benjamin (1985), que nos permite lidar com o tempo através de uma proposta de trazer à tona vozes que foram silenciadas no passado e cujos ecos ainda não destoaram no presente. Um regime historiográfico que tem como proposta contar as histórias dos vencidos e que se torna atraente para educadores físicos, para uma História além do futebol e seus mitos.

Há de se admitir que as possibilidades apresentadas por Hartog mudam a visão de como se fazer História da Educação Física. Para o pesquisador da área, um passado assim imprevisível significa novas questões a serem colocadas ao passado, um campo cheio de potencialidades. Na Educação Física, estudar como as sociedades lidam com o tempo se torna significativo porque auxiliaria a área a entender demandas impostas a ela. Como exemplo dessa possibilidade, citamos o entendimento crítico de questões como a extrema valorização da juventude, da beleza, a busca incessante pela atividade física e academias de musculação, e como isso influencia a educação e hábitos da sociedade contemporânea.

Porém, uma mera apropriação do ferramental do historiador não basta para se

9. Para um breve exemplo de autores da História da Educação Física que possuem em seu arcabouço teórico os dois autores, favor investigar GOELLNER, Silvana V.. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Editora Unijuí, 2003 e SOARES, Carmén. L. . *Educação Física: Raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

fazer História com qualidade. Por isso, a seguir trazemos algumas considerações mais abrangentes sobre o método e papel social do historiador.

Quanto ao Método

Para o refinamento do método de como se apropriar do passado, trazemos os trabalhos de Carl Becker (1931) e Carlos Ginzburg (1986). Ambos possuem um discurso bastante parecido, defendendo o caráter indiciário do conhecimento histórico. Defendem o caráter não logico-dedutivo da História, e, portanto, o não relacionamento do futuro aos acontecimentos do passado através de fórmulas *quasi*-matemáticas.

De acordo com Becker (1931), o conhecimento Histórico se constrói a partir da investigação de traços materiais que foram deixados por aquilo que já passou, com um olhar cuidadoso para seus menores componentes, além de elementos superficiais e irrelevantes de um fenômeno para que se possa entendê-lo em sua essência e natureza.

Ginzburg segue um caminho análogo naquilo que chama de paradigma indiciário, um modelo epistemológico baseado na semiótica médica, que se afirmou nas ciências humanas a partir do final do século XIX. Diz-se de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, secundários, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente. A proposta de estranhamento e distância trazida por Ginzburg é bastante direta e objetiva, expressa a partir de que tendência apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador.

Ginzburg (2007) afirma que com o avanço da ciência Galeliana, as ciências humanas são deparadas com um dilema: assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca ou menor relevância. Para Ginzburg esse discurso é desnecessário no indiciarismo, já que nele este tipo de rigor é inatingível e também indesejável para as formas de saber ligadas à experiência cotidiana, suas regras não precisam ser formalizadas nem ditas. Isso não significa, porém, abrir uma porta ao relativismo, postura que Ginzburg rechaçou em muitos dos seus escritos. Apesar de considerar a História uma narrativa por natureza, Ginzburg refuta a ideia de que existe uma total liberdade interpretativa por parte do historiador quanto às fontes com que trabalha, e que o mesmo deve sempre obedecer ao princípio da realidade histórica. De acordo com Ginzburg, o historiador tem compromisso com a verdade, o princípio da realidade histórica, ou seja, uma correspondência mais exata o possível entre o que de fato aconteceu, e o que nos asseveramos e retemos como conhecimento histórico. Através desse compromisso com a realidade, podemos atingir aquilo que Nora (1993) definiu como “liberdade pela História”.

Essa liberdade, no caso da Educação Física, pode significar também autonomia junto às outras áreas de conhecimento agregadas na Área 21 da CAPES? Cremos que se através do conhecimento histórico pautado no princípio da realidade, pesquisadores

da área em suas buscas pela verdadeira origem do campo acadêmico da Educação Física conseguirem comprovar uma identidade autônoma da área, esse se tornaria um primeiro passo rumo à sua autonomia.

Por essa e outras questões, o que foi discutido aqui se torna importante para acadêmicos da área de História da Educação Física, principalmente por fornecer um guia de investigações relacionadas à área, possibilitando assim a desconstrução de muitos conhecimentos tidos como verdadeiros enraizados em nosso senso comum. Temas como a monocultura futebolística, a identidade nacional e as relações de gênero no esporte escolar são temas que poderiam se beneficiar desse olhar indiciário. Se Walter Benjamin nos forneceu uma missão nobre, dar voz àqueles que tiveram suas vozes silenciadas, Becker e Ginzburg nos forneceram um método viável para tal tarefa.

PAPEL SOCIAL DO HISTORIADOR E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Becker (1931) afirma que o homem recorre à História (ou histórias) para reforçar e enriquecer suas percepções imediatas e assim viver em um mundo mais amplo e satisfatório, para além dos estreitos limites ditados pela efemeridade do presente. Nesse cenário, é fácil perceber a responsabilidade social de um historiador, profissional ou aficionado, seja em qualquer área. Refere-se à uma voz honesta e objetiva, pautada no princípio da realidade, que auxilia nesse enriquecimento perceptivo e nos possibilita um mundo mais amplo, satisfatório e rico, além dos estreitos limites temporais ditados pelo conhecimento.

Para Becker, o fazer histórico não é valioso em si mesmo, mas sim em função de um propósito futuro. Ele tem pouca importância se não for incorporado ao conhecimento comum social e a História que jaz inerte em livros carece de função no mundo. A História viva, essa sim, tem função no mundo, a História que influencia o curso da História.

Não seria esse um dos caminhos a seguir para uma Educação Física, para uma História da Educação Física que busca fazer ciência para além dos muros universitários; para educadores físicos que consigam romper com as paredes de seus laboratórios e compreender suas comunidades?

REFERÊNCIAS

Assmann, Aleida. **Espaços da Recordação**, Editora Unicamp, 2011

Becker, Carl. **Everyman his own Historian**. 1931. Disponível em <http://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/carl-l-becker>. Acessado em 05/06/2014

Benjamin, Walter. Sobre o Conceito de História, in **Obras Escolhidas**, Brasiliense, 1985

Daolio, Jocimar. A Produção Acadêmica em Educação Física: A CAPES como um “Não–Lugar.” **Pensar a Prática**, v. 18, n. 2, 2015.

Gois Jr, Edivaldo; Lovisolo, Hugo Rodolfo and Nista-Piccolo, Vilma Lení. Processo Civilizador: apontamentos metodológicos na historiografia da Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** [online]. 2013, vol.35, n.3, pp.773-783. ISSN 2179-3255

Ginzburg, Carlo. Unus Testis: o extermínio dos judeus e o princípio de realidade, in **O Fio e os traços**, Cia das Letras, 2007

_____. Paradigma Indiciario, in **Mitos, Emblemas e Sinais**. Cia das Letras, 1986

Hartog, François, Regimes de Historicidade. **Presentismo e Experiencias do Tempo**. Editora Autêntica, 2013

Huyssen, Andreas “A cultura da memória em um impasse: memoriais em Berlim e Nova York” in HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio, 2014.

Nora, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-58-1

